

Estratégias discursivas na construção do espírito nacionalista: a Hungria ‘de’ Viktor Orbán

Discursive strategies in the construction of the nationalist spirit: the Hungary ‘of’ Viktor Orbán

BASTOS, ELOÍSA
up201707717@letras.up.pt

Mestrado em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PALAVRAS-CHAVE:

Análise do Discurso;
nacionalismo;
populismo;
estratégias discursivas;
Viktor Orbán.

RESUMO: O populismo, não só enquanto ideologia, mas também enquanto movimento político tem vindo a ganhar apoiantes e a ocupar uma posição de destaque na Europa e no mundo. Explorando “situações de crise (económica, social, política, religiosa, etc.)” (Galito, 2017: 13), o movimento populista ocupa já as principais posições políticas em muitos países, onde vemos surgir líderes como Donald Trump, Jair Bolsonaro, Boris Johnson e Viktor Orbán, para nomear apenas alguns. A sua retórica caracteriza-se pela exploração da dicotomia Bem-Mal, à qual se associa a oposição *Eu/Nós-Outro* e pelo recurso ao *pathos* aristotélico, onde os discursos argumentativos são pautados por argumentos apoiados na emoção que geram no *Tu*.

Tendo em vista a persuasão do(s) interlocutor(es), os oradores socorrem-se de certas estratégias linguísticas que amplificam a força dos seus discursos. Essas estratégias deixam marcas bastante claras no material linguístico, e delas pretendemos ocupar-nos ao longo deste artigo, através da análise de um discurso anti-imigração proferido em 2016 pelo primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán. Dessa forma, analisaremos as marcas linguísticas características do discurso populista presentes no discurso supracitado, elucidando, pelo menos em parte, a construção da retórica de Viktor Orbán.

KEY-WORDS:

Discourse Analysis;
nationalism;
populism;
discursive strategies;
Viktor Orbán.

ABSTRACT: Populism, not only as an ideology but also as a political movement, has been gaining supporters and occupying a prominent position in Europe and the world. Exploring “crises (economic, social, political, religious, etc.)”, (Galito, 2017: 13), the populist movement already occupies the main political positions in many countries, where we see arise leaders like Donald Trump, Jair Bolsonaro, Boris Johnson and Viktor Orbán, to name just a few. Their rhetoric is characterized by the exploration of the Good-Evil dichotomy, in association with the opposition *Self/Us-Other* and by resorting to Aristotelian *pathos*, where argumentative discourses are guided by arguments based on the emotion they generate in You.

Aiming the persuasion of the interlocutor(s), the speakers resort to certain linguistic strategies that amplify the force of their speeches. These strategies leave clear marks on the linguistic material,

and we intend to address them throughout this article, through the analysis of an anti-immigration speech given in 2016 by the Hungarian Prime Minister Viktor Orbán. In this way, we will analyze the linguistic marks characteristic of the populist discourse present in the previously mentioned discourse, clarifying, at least in part, the construction of Viktor Orbán's rhetoric.

1. INTRODUÇÃO

Os termos globalização e progresso, desde o século XX até à contemporaneidade, têm marcado a realidade mundial, através de um rápido e complexo crescimento dos meios de comunicação e de transmigração, que contribuem para o esbatimento de fronteiras políticas, económicas e sociais, entre diferentes países e culturas. Organizações governamentais e não governamentais têm vindo, cada vez mais, a instaurar uma reestruturação moral em relação aos valores humanitários, postulando a igualdade de direitos entre todos os seres humanos, independentemente do género ou etnia. Mas, situações de crise, conflito e insegurança, com as quais muitos países têm sofrido desde o século passado, trouxeram consigo o medo e a suscetibilidade que alimentam o fenómeno populista. O desejo e a crença numa mudança radical que remedeie os males que afligem as populações têm garantido votos a líderes populistas por todo o mundo. Como escreve André Lamas Leite¹ “um Estado com uma classe média destruída ou depauperada, sem emprego, sem pão para pôr na mesa, ainda que amante do jogo democrático, com facilidade cede a tentações de um líder forte”.²

Com os seus discursos controversos, nacionalistas e extremistas, os líderes populistas têm vindo a construir um movimento conservador que difunde a desigualdade e divide a população, dando origem a um retrocesso no que diz respeito aos direitos humanos.

Por essa razão, e pertencendo a Hungria ao conjunto de estados membros da União Europeia (EU), consideramos que a análise do discurso do atual primeiro-ministro húngaro é de grande relevância no plano político europeu, dado que, apesar de toda a controvérsia em que tem estado envolto, Orbán já vai no seu terceiro mandato consecutivo e, para tal, certamente contribui a sua capacidade discursiva.

Partindo do pressuposto de que o espírito nacionalista, assim como a argumentação que pauta os discursos políticos, não se constrói sem recurso a mecanismos e estratégias linguísti-

1. <https://www.publico.pt/2020/06/29/opiniao/opiniao/populismo-fascismo-excluidos-globalizacao-1922261>.

2. A este respeito ver também: <https://www.publico.pt/2020/08/28/culturaipsilon/cronica/populismos-ismos-1929208>.

cas, pretendemos, com este estudo, analisar a retórica populista num dos discursos de Viktor Orbán. Para o efeito, tomaremos em consideração algumas das estratégias discursivas utilizadas pelo primeiro-ministro, nomeadamente, estratégias de *positive self presentation* e *negative other presentation*; estratégias de modalização; atos ilocutórios; certas construções argumentativas, como construções contrastivas e construções condicionais; bem como processos de paralelismo estrutural, muito presentes no nosso objeto de estudo. O nosso objetivo passará por examinar de que forma se constroem estas estratégias no discurso de Viktor Orbán e qual o seu impacto na construção da força discursiva.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO³

Na presente secção procederemos a um breve enquadramento teórico dos aspetos basilares da nossa investigação, que vai desde o contexto político envolvente de Viktor Orbán, ao fenómeno populista e a estratégias de *positive self presentation* e *negative other presentation* que, de forma implícita e explícita, contribuem para a desejada persuasão do público alvo.

Não obstante, sendo a nossa investigação de base enunciativo-pragmática, tomaremos em consideração, para efeitos da nossa análise, os atos ilocutórios (Searle, 1979) e os movimentos argumentativos levados a cabo por este enunciador no seu discurso, com especial enfoque nas estratégias de *positive self presentation* e *negative other presentation* (Pinto, 2015; Wodak, 2001), que desenvolveremos no apartado 2.3., no *pathos* aristotélico (Charaudeau & Maingueneau, 2002), nos processos de modalização (Campos, 1991, 1998), no estudo das estruturas contrastivas (Anscombre & Ducrot, 1977; García, 1999) e das estruturas condicionais (Montolío, 1999; Lopes, 2009; 2010), e em construções com paralelismo estrutural, observando o seu impacto na construção da força discursiva.

3. Não pretendemos com esta secção proceder a uma explanação completa dos aportes teóricos usados neste trabalho, mas sim identificar alguns dos conceitos básicos usados na nossa análise.

2.1. O CONTEXTO POLÍTICO

Passados apenas trinta e três anos da Revolução Húngara de 1956, Viktor Orbán, que foi, no ano anterior, um dos responsáveis pela fundação do partido político Fidesz (1988), produz, na Praça dos Heróis em Budapeste, durante as cerimónias fúnebres do primeiro-ministro anti-soviético Imre Nagy, um discurso que se viria a tornar célebre e responsável pelo início da sua carreira política.

Inicialmente, o Fidesz era um partido liberal, mas com a derrota nas eleições de 1994 Viktor Orbán opera uma reestruturação na sua ideologia política, convertendo-o num partido nacionalista e conservador.

Em 2010, Orbán alcança a liderança do país, mantendo-se, até à data, como primeiro-ministro da Hungria.

Considerando a forma como lidera o partido e o país, Orbán tem sido, ao longo dos seus mandatos, alvo de crítica e controvérsia, pelas suas políticas radicais, conservadoras, de um nacionalismo extremo e que muitos consideram xenófobo e antidemocrático.

O atual líder político da Hungria foi, inclusivamente, responsável pela construção de dois muros anti-imigração entre 2015 e 2016. Os seus discursos, de cariz populista e anti União Europeia, bem como as suas decisões políticas, são de tal forma inflamatórios que terão mesmo levado, em março, à suspensão do Fidesz do Partido Popular Europeu.

O discurso que analisamos no âmbito deste artigo diz respeito, justamente, à questão da imigração e à crítica do posicionamento da União Europeia face ao acolhimento de refugiados por parte dos estados membros.

2.2. O FENÓMENO POPULISTA

“O populismo está na ordem do dia”, como escreve António Rolo Duarte num artigo do jornal Público em 2017⁴. De facto, a palavra populismo, na sua aceção pejorativa, tem eclodido na comunicação social em consequência da emergência de líderes políticos de direita, cujos discursos se caracterizam por uma retórica exageradamente nacionalista e anti-sistémica, baseada numa emoção que opõe o nacional a tudo o que lhe é externo, que opõe o povo às elites, o *Nós* ao *Outro* e, em última análise, o Bem ao Mal. Todavia, apesar de o populismo ser entendido maioritariamente na sua aceção pejorativa associada a políticas de direita, este fenómeno pode ser entendido pelo público sob um ponto de vista positivo, quando associado a políticas de esquerda, que visam defender as minorias dos interesses egoístas das elites e da corrupção que veem no seio do poder político (Galito, 2017). Como refere Torre (2007: 394), “o populismo tem uma relação ambígua com a democracia. Por um lado, é uma forma de protesto e de resistência aos projetos de modernização que, em nome de supostos projetos universalistas e racionalistas, excluem os pobres e os não-brancos”. Por essa razão, as políticas populistas de esquerda surgem como uma forma de os líderes políticos se distanciarem da corrupção que o povo vê nas elites (Acemoglu, Egorov, Sonin, 2013). Em qualquer dos casos, o movimento populista contribui para antagonizar dois grupos distintos, aqueles que estão do lado do Bem, apresentados como virtuosos, e aqueles que estão do lado do Mal, apresentados como uma ameaça ao bem-estar dos primeiros (Albertazzi & McDonnell, 2008).

Para Hawkings, Riding & Mudde (2012: 3), o populismo “é uma abordagem moralizante, dualista, crente na soberania popular, que exalta a opinião da maioria, ao mesmo tempo que caracteriza a oposição como imoral e malévola”. Em conformidade, como afirma Galito (2017), o fenómeno populista, que pode surgir tanto de ideologias políticas de esquerda como de direita, logra de situações de crise as bases para a sua afirmação, apelando de forma direta à reação do povo contra o inimigo que lhe destrói os valores morais, sociais, culturais e religiosos. Com efeito, o populismo de direita, sendo o que mais se coaduna com o objeto de análise deste arti-

4. <https://www.publico.pt/2017/07/09/politica/analise/o-pais-onde-o-populismo-continua-impopular-1777639>.

go, é uma ideologia conservadora que vê o progresso, a globalização e os seus defensores como o inimigo a travar, já que os “forasteiros tendem a ser vistos como uma ameaça à identidade cultural e às oportunidades económicas da sociedade local”⁵, ameaça essa da qual o povo não é defendido. Dessarte, o discurso populista, assente numa retórica emocional do *pathos*, que instiga ao mesmo tempo o medo e a coragem nacional para contra ele lutar, apresenta o líder populista como a única opção válida para “recuperar ou reafirmar valores culturais, religiosos ou sociais, relacionados com a pátria e/ou a nação, a identidade, o reconhecimento e o papel de determinado povo no mundo” Galito (2017: 11). O líder populista é, assim, retratado como uma espécie de herói que vem salvar o povo, vitimizado, das injúrias que a oposição, supostamente, lhes causa (Charaudeau, 2011).

2.3. POSITIVE SELF PRESENTATION E NEGATIVE OTHER PRESENTATION

O discurso populista, aliás como grande parte dos discursos políticos, constrói-se com base na valorização do *Eu/Nós* e na desvalorização do *Outro*, em particular, no contraste radical que imprime a estes dois grupos.

De acordo com Pinto (2015), a identidade política é concebida como uma estratégia de “orientalização”, no sentido de Baumann e Gingrich (2004), onde o *Eu* se distingue do *Outro* pela posse de características positivas que no *Outro* estão ausentes, e pela ausência de características negativas que no *Outro* estão presentes, contribuindo, assim, para o processo que Evans (2013) denomina de “Othering”, isto é, um processo em que o *Outro* é classificado como “different, incompatible, unworthy, or otherwise unwanted or ostracized”. Baumann e Gingrich (2004) acrescentam ainda que a construção do *Outro* no discurso, além de servir para apontar os seus aspetos negativos, serve também o propósito de auxiliar a construção do *Eu*, já que este refere a ausência dos seus aspetos negativos salientando-os no *Outro*. Esta é, portanto, uma forma de o *Eu* complementar a construção da sua imagem positiva, conferindo valor não só às suas virtudes, como também à ausência dos defeitos do *Outro*.

5. O excerto transcrito foi extraído do artigo de António Rolo Duarte citado na nota 2 deste estudo.

Muitas vezes, no discurso, o *Eu* associa-se ao *Tu* dando origem ao *Nós* que assimila as características do *Eu*, apresentando-se com os mesmos atributos positivos do *Eu* e destituindo-se dos atributos negativos do *Outro*. Para Pinto (2015), esta associação que incorpora o(s) interlocutor(es) no discurso do *Eu* ocupa um lugar central nas estratégias de persuasão, na medida em que a voz do *Tu* passa a ser também a voz do orador, dificultando-se a dissociação de ambas as vozes e, portanto, de ambas as opiniões, com o objetivo de envolver o destinatário, “este último é levado a acumular funções de destinatário e de enunciador, solidarizando-se com o discurso” (Pinto, 2015: 45). Por essa razão, Dahlet (1985) refere estas estratégias de persuasão como estratégias que simulam um discurso construído com base na cooperação entre locutor e destinatário.

Wodak (2001) remeteu para esta estratégia apelidada de “positive self presentation e negative other presentation” como uma das estratégias centrais no discurso político, como teremos a oportunidade de ver no discurso de Orbán, podendo a sua construção socorrer-se de diversas estratégias linguísticas, como “Referential/nomination”, “Predication”, “Argumentation”, “Perspectivation, framing or discourse representation”, ou de “Intensification, mitigation”.

3. CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E METODOLOGIA

O presente estudo tem o propósito de explicitar e analisar estratégias e mecanismos discursivos empregues na construção da força discursiva da retórica populista e nacionalista de um dos discursos de Viktor Orbán.

Para o efeito, basearemos a nossa análise num discurso produzido a 15 de março de 2016, dia em que se comemora a revolução húngara de 1848, que culminou na conquista da independência da Hungria. O discurso em questão aborda negativamente o tema da migração e apela, analogamente, à revolta do povo face aos prejuízos não só da própria migração, como também dos planos pró-migração da União Europeia, numa tentativa de se opor a essas políticas. E se

os discursos de Orbán são conhecidos já pelos traços marcadamente nacionalistas, este adquirir um particular realce, já que o material linguístico foi selecionado em concordância com o dia da sua produção. Aliás, Orbán refere explicitamente a revolta húngara contra o Império Habsburgo estabelecendo uma série de relações com a atualidade, que, na sua opinião, carece também de uma atitude revolucionária face ao inimigo que ameaça a autonomia do povo húngaro. Por conseguinte, a seleção deste discurso prende-se com o facto de este revelar uma forte relação entre o contexto de produção e o produto linguístico, almejando, através desta interseção, amplificar a força do seu discurso e produzir, no destinatário, a desejada persuasão.

O vídeo⁶ do referido discurso encontra-se legendado em português do Brasil na plataforma Youtube, pelo que procedemos à respetiva transcrição e adaptação para português europeu⁷, de forma a obter um objeto mais ajustado para a nossa análise.

O discurso em questão será analisado na íntegra na secção seguinte, sendo destacados os mecanismos linguísticos apresentados no breve enquadramento da secção anterior.

4. ANÁLISE DO DISCURSO

Neste apartado iremos proceder à análise do já referido discurso de Viktor Orbán considerando o quadro teórico apresentado na secção 2. O nosso objetivo será destacar os elementos mais proeminentes na construção da força discursiva, descrevendo a forma e o propósito da aplicação dos mecanismos que para ela contribuem.

4.1. O NÓS CONTRA O OUTRO NA CONSTRUÇÃO DO ESPÍRITO NACIONALISTA

O populismo, como já referimos no decorrer deste artigo, aposta numa retórica de exaltação das emoções, sejam emoções positivas, com respeito ao orgulho nacionalista, ou negativas com respeito ao medo e à incerteza provindos do desconhecido, que vem de fora e do qual não se

6. Consultado em abril 20, 2020, em <https://youtu.be/X9X9kXmyssM>.

7. Transcrição integral, com as referidas adaptações, disponível no Anexo 1 deste artigo.

sabe o que esperar. A dicotomia entre o Bem e o Mal é explorada no sentido de associar ao eixo do Bem tudo aquilo que é interno, nacional e virtuoso, e ao eixo do Mal tudo o que é externo, perigoso e ameaçador. (Duarte, Pinto & Salgado, 2019)

O discurso de Viktor Orbán apresenta, em toda a sua extensão, marcas de contraste entre o *Nós* e o *Outro*, alimentando uma ideia utópica de perfeição em relação ao povo húngaro e aos seus apoiantes, e associando indiscriminadamente o crime, a imperfeição e interesses egoístas aos imigrantes, aos refugiados e àqueles que, apoiando o processo imigratório, são na sua opinião uma oposição à estabilidade do país. Falamos aqui de um *Nós* e não de um *Eu*, dado que Orbán se posiciona no discurso como igual ao seu povo, padecendo dos mesmos males e das mesmas preocupações. Esta estratégia potencia o espírito de união entre Orbán e o povo, que o vê não como um mero político, mas como um líder que luta pelos interesses coletivos e que estará na linha da frente da batalha ao lado dos seus semelhantes.

Esta construção dos valores positivos do *Nós* e dos valores negativos do *Outro* deixa marcas muito evidentes no seu discurso, que vão desde a oposição deíctica entre estas duas entidades, ao uso constante do possessivo “nosso(s)/nossa(s)” que induz uma ideia de posse e pertença, bem como ao uso de adjetivos avaliativos ou substantivos de polaridade semântica forte. Na tabela I, apresentamos alguns exemplos de denominações que são usadas por Orbán para demarcar esta oposição.

<i>Nós ↔ Bem</i>	<i>Outro ↔ Mal</i>
povo húngaro	Europa
nossos países	aqueles que estão a chegar
nosso modo de vida	as massas
nossa cultura	massa de gente
nossos costumes	Bruxelas
nossas tradições cristãs	inimigos da liberdade
nossas nações	Enxames de defensores dos direitos humanos
nossa soberania nacional	estrangeiros
nossas mulheres e filhas	eles
nossa casa	
nossa própria terra	
nosso destino	
nossa multifacetada e orgulhosa Europa	
nós, húngaros e poloneses	

Tabela I – Algumas marcas do *Nós* e do *Outro*

Como se pode verificar, Orbán não só se coloca em pé de igualdade com os seus conterrâneos como lhes transmite, através do uso do possessivo, uma noção de pertença criada em torno de valores nacionais (*nosso país, nossa própria terra*), culturais (*nossa cultura, nossos costumes*), religiosos (*nossas tradições cristãs*), familiares (*nossas mulheres e filhas, nossa casa*), entre outros. Contudo, os valores com os quais caracteriza o seu povo estão ameaçados, pelos “inimigos da liberdade” e pelos “estrangeiros”. Queremos aqui chamar a atenção para os termos

generalistas e impessoais com os quais Orbán se refere ao *Outro*, como por exemplo “massa de gente” e “aqueles que estão a chegar”, funcionando estas designações não só como uma forma de distanciamento, mas também como forma de desvalorizar e desqualificar o *Outro*.

É também relevante destacar o uso do termo “Europa”, que apresenta uma certa dualidade de valores. Orbán inicia o seu discurso declarando a pertença da Hungria à Europa, como é visível no enunciado “Cada vez mais fazemos parte de um todo, de tal forma que, hoje em dia, nenhum povo, incluindo o povo húngaro, pode ser livre se a Europa não for livre.”, mas distancia-se, de seguida, do rumo que esta tomou, caracterizando-a como “um ente frágil, fraco e doente”, decorrente das políticas praticadas por Bruxelas. Institui-se assim a pertença da Europa tanto ao *Nós inclusivo* como ao *Outro*. Desta forma, Orbán, opera uma certa manipulação da realidade europeia em função da sua intenção comunicativa, incluindo e excluindo a Europa do seu *Nós*, em consequência, por um lado, dos valores e ideais que mantém em consonância com a Hungria, e por outro, consoante os valores e as políticas globalizantes empreendidas por Bruxelas.

Porém, a construção desta oposição não se limita ao que referimos até então. Na tabela II, ilustramos algum do léxico de polaridade semântica positiva e negativa que se reporta à caracterização da dissemelhança entre os dois grupos.

Léxico de polaridade semântica positiva	Léxico de polaridade semântica negativa
milénar estrutura da Europa	crime e terror
prosperidade	perigo
vidas confortáveis	submissão
segurança	ameaças e chantagens
ordem pacífica	supressão (da verdade)
abundância	obcecados
prosperidade	violência
nações cristãs livres e independentes	internacionalismo fanático
igualdade entre homens e mulheres	terrorismo
concorrência justa e solidariedade	homofobia
orgulho e humildade	incêndios de sinagogas
justiça e misericórdia	desordem
inclusão	motins
intercâmbio de culturas	gangues
força	fraqueza
homens livres	escravos

Tabela II – Algumas escolhas lexicais de polaridade semântica forte

O léxico de polaridade semântica negativa descreve, sobretudo, uma realidade hipotética que cada vez mais se afigura como possível e que deve ser evitada a todo o custo. É criada uma esfera de terror em torno da imigração e dos seus defensores, potenciando o medo e a descren-

ça nas políticas europeias que põem em risco a virtuosa e perfeita realidade nacional pintada por Orbán, através de expressões de polaridade semântica positiva. Estas escolhas lexicais fazem parte de uma retórica baseada no *pathos*, ou seja, nas emoções desencadeadas no público, sejam elas positivas, como o orgulho nacional e a liberdade, ou negativas, como o medo e o racismo. As estratégias de persuasão operadas desta forma “confundem o leitor, com o objetivo de influenciar a sua deliberação; não em função da experiência e do raciocínio lógico, mas da impulsividade, do instinto, do medo patológico ou da ilusão de que tudo é possível” (Galito, 2017: 16) e são usadas, frequentemente, pelo líder húngaro ao longo do seu discurso.

Além do léxico apresentado na tabela II, salientamos o uso dos verbos *corroer*, *proibir*, *ameaçar*, *forçar*, *atacar* e *obrigar*, que servem o propósito de classificar as ações perpetradas contra os húngaros com o objetivo de fazer deles escravos. Aliás, Orbán remata o seu discurso com a questão “Seremos escravos ou homens livres?”, para assinalar as consequências extremas que provêm das suas escolhas e atitudes, associando a liberdade à sua política.

4.2. O PAPEL DA MODALIZAÇÃO E DOS ATOS ILOCUTÓRIOS NA ARGUMENTAÇÃO DE ORBÁN⁸

De uma perspetiva geral pode dizer-se que a estrutura argumentativa do discurso em análise se constrói sobre a tese de que a Europa, da qual a Hungria faz parte, está ameaçada. Esta tese assenta num conjunto de argumentos que opõem o nacional ao estrangeiro, para depois concluir que é necessário tomar uma atitude em relação à realidade que se avizinha.

Na medida em que a modalização diz respeito ao posicionamento do falante em relação aos enunciados que produz, sendo estes constituídos por atos ilocutórios que traduzem a sua intenção de produção, destacaremos alguns elementos da tese e do processo argumentativo, onde esses elementos se encontram particularmente evidentes.

8. Nesta secção deixaremos de lado a modalidade apreciativa, uma vez que os juízos de valor de Orbán são transmitidos, essencialmente, através do léxico de polaridade semântica positiva e negativa, já descrito na subsecção anterior.

4.2.1. A MODALIDADE EPISTÉMICA E OS ATOS ASSERTIVOS

No discurso de Orbán é bastante visível o recurso à modalização epistémica (Campos, 1991, 1998), que diz respeito ao grau de (in)certeza ou de probabilidade que o locutor transmite face ao conteúdo proposicional do seu enunciado. Campos (1991) fala, assim, de uma gradação de “valores assertivos” que vão desde o domínio do certo⁹ ao domínio do não-certo.

No discurso em causa, as asserções produzidas encontram-se associadas essencialmente ao domínio do certo, abarcando assunções estritas positivas e assunções estritas negativas. Aten-te-se nos seguintes excertos:

- 1) “É proibido dizer que a imigração traz crime e terror aos nossos países.”
- 2) “**Hoje está escrito** no livro do destino que potências mundiais ocultas e sem rosto eliminarão tudo aquilo que é único, autónomo, milenar e nacional.”
- 3) “Senhoras e senhores, a Europa **não é livre.**”
- 4) “O perigo maior para o futuro da Europa **não vem** de quem quer vir para cá (...)”

Nos exemplos 1) e 2), estamos perante assunções estritas positivas, onde Orbán, através do uso dos verbos *ser* e *estar* no Presente do Indicativo, assume a total certeza em relação ao conteúdo proposicional do seu enunciado. Em 1), aliás, além de declarar como certa a supressão da liberdade de expressão, o locutor, colocando o verbo trazer no Presente do Indicativo, declara ainda a sua certeza quanto ao ‘facto’ de a imigração trazer crime e terror, ampliando, dessa forma, a força da sua asserção e orientando-a no sentido de censurar os dois focos da sua crítica, a imigração e os políticos que são a seu favor.

9. De acordo com Campos (1991), o domínio do certo inclui a asserção estrita positiva (total validação do conteúdo proposicional) e a asserção estrita negativa (total invalidação do conteúdo proposicional).

10. Note-se ainda que as negações em (3) e (4) podem ser consideradas negações polifónicas no sentido de Ducrot, (1990), sendo que também este seu funcionamento, que lhes confere um valor refutativo de eventuais vozes discordantes, é relevante para o efeito argumentativo das mesmas.

Os exemplos 3) e 4), encontrando-se igualmente no domínio do certo, correspondem a asunções estritas negativas, que por via da negação dos verbos *ser* e *vir*, também no Presente do Indicativo, representam a negação total do descrito no conteúdo proposicional.¹⁰

Os dois tipos de asunções podem ter objetivos idênticos, vejam-se os exemplos 1) e 3), onde Orbán remete para a existência de uma política de censura oriunda de Bruxelas, que limita o direito de expressão dos húngaros e, em última instância, o direito de todos os europeus. Já os exemplos 2) e 4) reportam-se à constituição da existência de entidades ímpias que destruirão tudo aquilo que húngaros e europeus têm de bom.

Em todos os casos, a modalização epistémica do domínio do certo, permite a Orbán apresentar estes e outros enunciados como factos. A destruição que a imigração supostamente traz à Europa deixa de ser vista como uma eventual possibilidade, passando a ser vista como factual e, por isso, mais assustadora. Ademais, o valor de verdade que transmite através dos atos ilocutórios assertivos (Searle, 1979) presentes nos quatro exemplos coaduna-se exatamente com o grau absoluto de certeza imposto pela modalização epistémica usada, comprometendo o primeiro-ministro com as suas afirmações. Dessa forma, o pressuposto de que essas afirmações são verdadeiras aliado à factualidade com que as apresenta contribui para a construção de uma identidade confiável com a qual se apresenta aos eleitores.

4.2.2. A MODALIDADE DEÔNTICA E OS ATOS DIRETIVOS

Para dar uma resposta aos perigos e ameaças que as políticas imigratórias e os refugiados trazem ao nacionalismo e ao patriotismo húngaro, Orbán apela à reação do povo, não só do povo húngaro, mas de todo o povo europeu. Na produção de atos diretivos (Searle, 1979) de conselho/ordem e aviso, que visam a realização de uma ação por parte do(s) interlocutor(es), Orbán modaliza o seu discurso no sentido de alertar o seu público para a necessidade e até obrigatoriedade de assumirem a sua posição anti-imigração. Por conseguinte, a modalização deôntica

ou intersujeitos (Campos, 1991, 1998), que se relaciona com o domínio do dever, assim como os atos diretivos que constituem, desempenham um papel fundamental no estabelecimento das diretrizes dadas por Orbán. Vejam-se alguns exemplos:

- 5) “**Não devemos** permitir que Bruxelas se coloque acima da lei.”
- 6) “Os líderes e cidadãos da Europa **não devem** continuar a viver em dois mundos separados.”
- 7) “**Temos de** restaurar a unidade da Europa.”
- 8) “**Devemos**, portanto, trazer à tona a velha virtude da coragem debaixo dos escombros do esquecimento.”
- 9) Antes de tudo, **devemos** cobrir de aço as nossas espinhas dorsais e **devemos** responder de forma clara, com a voz alta o suficiente para sermos ouvidos por toda a parte.”

Verifica-se, em quase todos os exemplos, o recurso ao verbo modal *dever*, à exceção de 7), onde o locutor opta pelo auxiliar modal “ter de”. Não obstante, independentemente do verbo modal selecionado, este aparece sempre conjugado na 1ª pessoa do plural, que, tal como referimos anteriormente, configura uma forma de o primeiro-ministro se colocar em pé de igualdade com o povo. Dessarte, Orbán evidencia que o que é para o povo também é para si, não só os direitos como os deveres, criando um espírito de união em torno da sua causa. Orbán envolve-se e envolve os seus interlocutores na necessidade de uma reação, e essa envolvimento em torno de uma causa, que passa a ser comum, potencia a força do seu discurso, porquanto o bem da comunidade é uma causa imperiosa pela qual todos devem lutar.

4.3. O PAPEL DAS ESTRUTURAS CONTRASTIVAS NA DESCREDIBILIZAÇÃO DO OUTRO

A refutação e a conta-argumentação são parte integrante do discurso argumentativo, sendo as estruturas coordenadas contrastivas adversativas com o conector *mas* responsáveis por operar grande parte desses movimentos argumentativos, que visam alcançar a adesão do público às ideias e opiniões do emissor. À semelhança do que García (1999) propõe para *pero* e *sino*, e que já havia sido proposto por Anscombe e Ducrot (1977), o conector *mas* pode operar, respetivamente, movimentos concessivos contra-argumentativos ou movimentos refutativos retificativos. No primeiro caso, admite-se uma certa aceitação de um primeiro argumento, seguida de uma contra-argumentação em favor de uma conclusão diferente. Por outro lado, se o movimento for refutativo retificativo, o primeiro argumento é refutado e corrigido, declarando-se a sua incorreção. Atente-se nos seguintes exemplos extraídos do discurso em análise:

- 10) “É proibido apontar que esta sequência de eventos não é acidental e não intencional, **mas** sim uma operação pré-planeada e orquestrada; ter uma massa de gente a correr na nossa direção.”
- 11) perigo maior para o futuro da Europa não vem de quem quer vir para cá, **mas** sim do internacionalismo fanático de Bruxelas.”
- 12) “Alegadamente, somos xenófobos hostis, **mas** a verdade é que a história da nossa nação é também de inclusão, uma história de intercâmbio de culturas.”
- 13) “Inicialmente, eles falam sobre apenas algumas centenas, mil ou duas mil pessoas realocadas, **mas** nem um único líder europeu responsável se atreveria a afiançar sob juramento que estes dois mil não vão, eventualmente, multiplicar-se em dezenas ou centenas de milhares.”

Se olharmos para cada um destes movimentos isoladamente, verificamos que nos exemplos 10) e 11), que correspondem a um movimento discursivo de refutação seguido de retificação e, portanto, a um esquema do tipo *Não A mas B*, Orbán nega o argumento introduzido pelo antecedente de *mas*, negando simultaneamente a sua legitimidade, e avançando de seguida com uma correção, apresentada no enunciado conseqüente. No caso de 10), o locutor nega a acidentalidade e a não intencionalidade de Bruxelas em relação a uma sequência de eventos negativos que têm perturbado a harmonia do país e da Europa, retificando essa informação no sentido de a fazer corresponder à sua versão da realidade, a de que essa sequência de eventos é uma consequência direta dos planos de Bruxelas. Através da culpabilização de Bruxelas, Orbán constrói uma identidade negativa para esta entidade, com o objetivo de a descredibilizar perante o povo. O exemplo 11) intensifica essa mesma ideia, desresponsabilizando os imigrantes que “invadem” o país e atribuindo a responsabilidade total àqueles que potenciam essa “invasão”, em específico, as instituições de poder.

Os excertos 12) e 13) operam um movimento argumentativo diferente, composto por um momento de concessão seguido de contra-argumentação. Os excertos 12) e 13) operam um movimento argumentativo diferente, composto por um momento de concessão seguido de contra-argumentação. Em 12), Orbán admite que talvez os húngaros possam ser vistos como “xenófobos hostis”, na medida inicia a frase com o advérbio “alegadamente”, para se distanciar dessa opinião, e contra-argumenta que a história da Hungria passa também pela inclusão. Este contra-argumento, introduzido como um argumento mais forte, orienta o discurso para o elogio à Hungria, contrariamente ao primeiro argumento orientado para a crítica. Com respeito a 13), o primeiro-ministro reconhece que “eles” preveem um número não muito elevado de imigrantes, no entanto, contra-argumenta que a realocação não deixa de ser um risco e que o número de imigrantes pode escalar rapidamente. Através deste contra-argumento, Orbán postula a falta de garantias de segurança por parte de Bruxelas, que acolhe os que vêm de fora sem zelar pelo interesse dos povos europeus. Institui-se assim uma aura de desconfiança em relação às intenções de Bruxelas, descredibilizando a sua autoridade e humanitarismo.

4.4. O PAPEL DAS ESTRUTURAS CONDICIONAIS NA MANIPULAÇÃO DO TU

O processo argumentativo envolvido nos discursos apoia-se, muitas vezes, na criação de realidades hipotéticas cuja construção envolve, tipicamente, o recurso a estruturas condicionais. De facto, Ferguson (1986: 3), atribui às condicionais a função de imaginar “possible correlations between situations, and to understand how the world would change if certain correlations were different.” As realidades hipotéticas que se constroem com base nas estruturas condicionais têm diferentes graus de probabilidade de ocorrência, razão pela qual vários autores, que refletem sobre a matéria, propõem subdivisões de tipos de condicionais, tais como as condicionais reais, potenciais e irreais (Montolío, 1999; Lopes, 2009, 2010). Os exemplos 14) - 17), extraídos do discurso de Orbán, ilustram o funcionamento das condicionais potenciais e das condicionais irreais.

14) “Cada vez mais fazemos parte de um todo, de forma a que, hoje em dia, nenhum povo, incluindo o povo húngaro, pode ser livre *se* a Europa não for livre.”

15) “Nós, os povos da Europa, não podemos ser livres individualmente *se* não formos livres em conjunto.”

16) “*Se* nos tivéssemos resignado a esse vaticínio, o nosso destino teria ficado selado e a onda alemã teria engolido os húngaros.”

17) “*Se* nos tivéssemos resignado a esse cenário, o nosso destino teria sido selado e a onda soviética teria engolido os húngaros.”

As estruturas condicionais em 14) e 15) são condicionais potenciais, onde se afirma que o povo húngaro só pode ser livre se se cumprir a condição necessária de que todos os povos Europeus sejam livres. Por conseguinte, Orbán recorre a estas duas condicionais para, mais uma vez, criar um espírito de união tão importante que só por via dele o povo pode atingir a liberdade.

Por outro lado, em 16) e 17), temos duas estruturas condicionais irrealis que, reportando-se ao passado, criam com ele uma analogia, onde a oração condicional ilustra um estado de coisas não coincidente com o real que se assume como muito negativo (terrível, mesmo), que só foi travado porque os húngaros não renunciaram aos seus valores e ao seu país. Nestes exemplos, a oração condicionante transmite a necessidade de uma reação, tal como no passado, que é transformada numa quase obrigatoriedade, dado que a sua projeção no futuro poderá ter efeitos nefastos para o país. O receio que é espoletado pelas memórias do passado leva a que o público fique mais suscetível à aceitação das orientações de Orbán.

4.5. O PARALELISMO ESTRUTURAL NA INTENSIFICAÇÃO DA FORÇA ILOCUTÓRIA

Nesta secção reportamo-nos ao mecanismo do paralelismo estrutural em virtude da intensificação que este produz na força ilocutória do discurso. Confrontem-se, para tal, os exemplos 18) e 19):

18) “*É proibido dizer que* aqueles que estão a chegar não são refugiados e que a Europa está a ser ameaçada pela migração. *É proibido dizer que* dezenas de milhões estão prontos para marchar na nossa direção. *É proibido dizer que* a imigração traz crime e terror aos nossos países. *É proibido dizer que* as massas que estão a chegar de outras civilizações colocam em perigo o nosso modo de vida, a nossa cultura, os nossos costumes e as nossas tradições cristãs. *É proibido apontar que* aqueles que chegaram antes já construíram o seu próprio mundo, à parte das nossas nações, com as suas próprias leis e ideais que estão a pôr de lado a milenar estrutura da Europa. *É proibido apontar que* esta sequência de eventos não é acidental e não intencional, mas sim uma operação pré-planeada e orquestrada; ter uma massa de gente a correr na nossa direção. *É proibido dizer que* em Bruxelas estão a criar esquemas para transportar estrangeiros até nós o mais rápido possível e multiplicá-los entre nós. *É proibido denunciar que* o objetivo de fixar essas pessoas aqui é remodelar o panorama religioso e cultural da Europa, e reformular as suas bases étnicas, eliminando, assim, a última

barreira para o internacionalismo: os estados-nacionais. *É proibido dizer que* Bruxelas está agora a devorar silenciosamente mais e mais fatias da nossa soberania nacional, e que, em Bruxelas, muitos planeiam agora os Estados Unidos da Europa, algo para o qual nunca ninguém deu autorização.”

19) “*É chegada a hora* de tocar o alarme de alerta. *É chegada a hora* da oposição e da resistência. *É chegado o tempo* de juntar aliados a nós. *É chegada a hora* de levantar as bandeiras de orgulhosas nações. *É chegada a hora* de evitar a destruição da Europa e de salvar o futuro da Europa.”

Como se pode verificar, o recurso à repetição de estruturas em início de frase é recorrente no discurso de Orbán. Essa repetição contribui para registar a informação na mente dos interlocutores, intensificando, dessa forma, a força ilocutória do enunciado. O caso de 18) intensifica a ideia de que a Hungria e os povos europeus veem agora a sua liberdade de expressão e de opinião reprimida. Já em 19), intensifica-se a necessidade e até a obrigatoriedade de tomar medidas para “evitar a destruição da Europa” e salvar o seu futuro. Por conseguinte, este processo reitera algumas das principais ideias do discurso de Orbán, como a falta de liberdade dos países europeus para decidirem sobre o seu próprio futuro e o apelo à reação do povo que tem por obrigação defender o que é seu.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Através da nossa análise, consideramos ter identificado algumas das estratégias mais relevantes na argumentação do referido discurso de Viktor Orbán, assim como os meios utilizados para o seu processamento e os resultados da sua aplicação.

A construção da força discursiva assenta, em grande medida, em estruturas semântico-argumentativas de polarização semântica forte, em mecanismos de modalização epistémica e deontica, em atos ilocutórios assertivos e diretivos de força elevada e em estruturas argumen-

tativas contrastivas e condicionais. O paralelismo estrutural, por seu lado, tem igualmente uma grande importância, funcionando como mecanismo intensificador da força ilocutória. É ainda de notar que cada um destes mecanismos envolve objetivos específicos que se relacionam diretamente com as principais ideias do discurso.

A polaridade positiva e negativa das escolhas lexicais tem como objetivo antagonizar dois grupos que correspondem à oposição entre o Bem e o Mal, estando o polo positivo associado ao grupo constituído pelos aliados de Orbán, e o polo negativo associado ao grupo constituído pelos seus inimigos, onde se inclui a Europa de Bruxelas e as suas políticas de integração e globalização. Ademais, essa polarização lexical participa da descrição de uma realidade aterradora que potencialmente se abaterá sobre o país e a Europa, por oposição à realidade harmoniosa que se tem vivido até então. Todavia, apesar deste clima de medo em torno de situações hipotéticas, Orbán imprime um elevado grau de certeza às suas teorias e propostas através da modalização epistémica e de atos ilocutórios assertivos, credibilizando a sua imagem ao mesmo tempo que acusa Bruxelas e “potências mundiais ocultas” de repressão e conspiração para a destruição da Hungria. Além das fortes acusações que faz a Bruxelas, Orbán socorre-se das estruturas contrastivas adversativas para pôr em causa a autoridade e os argumentos desta.

Depois de montado todo este cenário, o primeiro-ministro chega ao seu objetivo final, com o apelo à união e à reação do povo: uma necessidade que é marcada no discurso por meio da modalização deontica e de atos diretivos de conselho, ordem e aviso, e reforçada semanticamente pelo apelo a aspirações de liberdade e soberania. Sentimentos positivos como estes e negativos como o medo, retirado das potencialidades de criação de realidades alternativas através das estruturas condicionais, retratam a estratégia argumentativa do *pathos*. Esta estratégia constrói o seu valor com base nas emoções, para mobilização do auditório, e está fortemente presente no discurso de Orbán, bem como na generalidade dos discursos populistas

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso populista, como afirma Galito (2017), não tem por base uma argumentação lógica baseada em factos, mas uma argumentação que explora as emoções produzidas no público, deixando-o suscetível e manipulável. Por essa razão, a efetividade de cada discurso é, em grande parte, condicionada pelas estratégias linguísticas que são levadas a cabo. E ainda que mais houvesse a dizer, a análise empreendida revelou-se útil para compreender, pelo menos em parte, as potencialidades dos mecanismos linguísticos na construção da força do discurso populista.

Viktor Orbán, tirando partido dos recursos que a língua põe ao seu dispor, tem criado na Hungria um exacerbado espírito nacionalista em torno do qual orienta a sua política. A oposição de valores (sociais, culturais, religiosos, familiares, etc.) entre o *Nós* e o *Outro*, representando o nacional e o estrangeiro, cria uma espécie de isolamento do país, que, aos olhos do nacionalismo, é um mal necessário para a sua proteção (Cap, 2008).

Criando realidades hipotéticas de felicidade e terror, respetivamente, passadas e futuras, espoleta fortes emoções no *Tu*. O culto do medo e da insegurança, por um lado, e da liberdade e da harmonia, por outro, exploram as “expectativas defraudadas” (Galito, 2017: 13) do povo potenciando a sua suscetibilidade a políticas extremistas.

Dessarte, Orbán tira proveito das vulnerabilidades emocionais do povo, provenientes de situações de crise económica, social ou política, para criar uma espécie de culto em torno de uma causa libertária e nacionalista, uma causa que não é apresentada como sua, mas de todos os húngaros, uma causa pela qual todos têm o direito e o dever de lutar. Assim, o primeiro-ministro apoia o seu discurso em estratégias linguísticas que envolvem o povo numa atitude revolucionária que dá primazia à liberdade patriótica e ao recrudescimento dos valores nacionais em detrimento de um humanismo que valoriza todo o ser humano e uma Europa de todos e para todos.

REFERÊNCIAS

- Acemoglu, D., Egorov, G. & Sonin, K. (2013). A Political Theory of Populism. *The Quarterly Journal of Economics*, 128-2. Oxford: Oxford University Press, (pp.771-885)
- Albertazzi, D. & McDonnell, D. (2008). *Twenty-First Century Populism - The Spectre of Western European Democracy*. Palgrave Macmillan
- Anscombre, J.-C. & Ducrot, O. (1977). Deux mais en Français?. *Lingua* 43, (pp 23-40)
- Campos, M. H. C. (1998). A modalidade apreciativa: uma questão teórica. In F. Oliveira & I. M. Duarte (Orgs.), *Da língua e do discurso* (pp. 265-281). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Cap, P. (2008). Towards the proximization model of the analysis of legitimization in political discourse. *Journal of Pragmatics*, 40, (pp. 17-41)
- Charaudeau, P. & Maingueneau, M. (2002). *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil
- Charaudeau, P. (2011). Réflexions pour l'analyse du discours populiste. *Mots. Les langages du politique*, 97, (pp. 101-116)
- Dahlet, P. (1985). Un language efficace: l'illocution – contribution à une représentation pragmatique du discours publicitaire. *Linguas e Literaturas*, 2-1. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, (pp. 343-347)
- Duarte, A. R. (2017). O país onde o populismo continua impopular. *Público*. Consultado em maio 13, 2020, em <https://www.publico.pt/2017/07/09/politica/analise/o-pais-onde-opopulismo-continua-impopular-1777639>
- Duarte, I. M., Pinto, A. G. & Salgado, S. (2019). Estratégias discursivas do discurso político populista em Portugal: Estado Novo e movimentos nacionalistas atuais. In A. Marques & S. Sousa (Orgs.), *Linguagens de Poder* (pp. 37-55). UMinho: Húmus.
- Ducrot, O. (1990). *Polifonia y argumentación. Conferencias del seminario teoría de la argumentacion y analisis del discurso*. 1 ed. Cali: Universidad del Valle.
- Evans, J. (2013). *The Use of Othering in the Formation of a Nationalist Society*. Academia. Consultado em maio 13, 2020, em https://www.academia.edu/1338990/The_Use_of_Othering_in_the_Formation_of_a_Nationalist_Society
- Ferguson, C. A. (1986). Overview. In E. C. Traugott; A. Ter Meulen; J. S. Reilly & C. A. Ferguson, *On conditionals* (pp. 3-20). Cambridge: CUP

Galito, M. S. (2017). Populismo – Conceptualização do Fenómeno. ISEG - CEsA/CSG. Consultado em maio 13, 2020, em <https://www.publico.pt/2017/07/09/politica/analise/o-pais-onde-opopulismo-continua-impopular-1777639>

García, L. F. (1999). Las construcciones concesivas y adversativas. In I. Bosque & V. Demonte, *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Tomo 3 (pp. 3805-3878). Madrid: Espasa

Hawkings, K.; Riding, S.; Mudde, C. (2012). *Measuring Populist Attitudes. Political Concepts. Committee on Concepts and Methods Working Paper Series*. Consultado em maio 13, 2020, em http://www.concepts-methods.org/Files/WorkingPaper/PC_55_Hawkins_Riding_Mudde.pdf

Lopes, A. C. M. (2010). *Condicionalis de enunciação no Português europeu contemporâneo*. Coimbra: CELGA. <http://www.uc.pt/uid/celga/agenda2010/acml>

_____(2009). Contributos para o estudo de construções condicionais não canónicas em Português europeu contemporâneo. *Diacrítica*, 23-1. Braga: Universidade do Minho, (pp. 149-169).

Montolío, E. (1999). Las construcciones concesivas y adversativas. In I. Bosque & V. Demonte, *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Tomo 3 (pp. 3643-3737). Madrid: Espasa

Pinto, A. G. (2015). A retórica do Eu e do Outro – The Othering. A gramática da identidade no discurso político. In Z. G. O. Aquino & P. R. Gonçalves-Segundo (Orgs.), *Estudos do Discurso: Caminhos e Tendências* (pp. 25-53). São Paulo: Editora Paulista

Searle, J. R. (1979). *Expression and Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press

Torre, C. de la. (2007). The Resurgence of Radical Populism in Latin America. *Constellations*, 14-3. (pp.384-397)

Wodak, R. (2001). The discourse historical approach. In R. Wodak, & M. Meyer, (Orgs.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage (pp. 63-94).

O destino dos húngaros tornou-se interligado com as demais nações da Europa. Cada vez mais fazemos parte de um todo, de tal forma que, hoje em dia, nenhum povo, incluindo o povo húngaro, pode ser livre se a Europa não for livre. E hoje a Europa é um ente frágil, fraco e doente como uma flor que é corroída por um verme oculto. Hoje, 168 anos após as grandes guerras de independência dos povos europeus, a Europa, nosso lar comum, não é livre. Senhoras e senhores, a Europa não é livre. Porque a liberdade começa por se dizer a verdade. Hoje na Europa é proibido dizer a verdade. Mesmo que seja feita de seda, uma mordada é uma mordada. É proibido dizer que aqueles que estão a chegar não são refugiados e que a Europa está a ser ameaçada pela migração. É proibido dizer que dezenas de milhões estão prontos para marchar na nossa direção. É proibido dizer que a imigração traz crime e terror aos nossos países. É proibido dizer que as massas que estão a chegar de outras civilizações colocam em perigo o nosso modo de vida, a nossa cultura, os nossos costumes e as nossas tradições cristãs. É proibido apontar que aqueles que chegaram antes já construíram o seu próprio mundo, à parte das nossas nações, com as suas próprias leis e ideais que estão a pôr de lado a milenar estrutura da Europa. É proibido apontar que esta sequência de eventos não é acidental e não intencional, mas sim uma operação pré-planeada e orquestrada; ter uma massa de gente a correr na nossa direção. É proibido dizer que em Bruxelas estão a criar esquemas para transportar estrangeiros até nós o mais rápido possível e multiplicá-los entre nós. É proibido denunciar que o objetivo de fixar essas pessoas aqui é remodelar o panorama religioso e cultural da Europa, e reformular as suas bases étnicas, eliminando, assim, a última barreira para o internacionalismo: os estados-nacionais. É proibido dizer que Bruxelas está agora a devorar silenciosamente mais e mais fatias da nossa soberania nacional, e que, em Bruxelas, muitos planeiam agora os Estados Unidos da Europa, algo para o qual nunca ninguém deu autorização. Senhoras e senhores, os inimigos da liberdade de hoje são de uma natureza diferente dos imperadores da realeza, ou daqueles que reinavam no regime soviético. Eles usam diferentes ferramentas para nos forçar à submissão. Hoje, eles não nos aprisionam ou enviam para campos de concentração, e eles não enviam tanques para ocupar países fiéis à liberdade. Hoje, o bombardeiro de artilharia da mí-

ANEXO: TRANSCRIÇÃO DO DISCURSO DE VIKTOR ORBÁNS

dia internacional, as denúncias, as ameaças e chantagens são suficientes, ou, pelo menos, têm sido até agora. Os povos da Europa estão a despertar lentamente, eles estão a reagrupar-se e em breve irão ganhar terreno. As grades da Europa, que se sustentam na supressão da verdade, estão a ranger e a rachar. Os povos da Europa podem finalmente ter entendido que o seu futuro está em jogo, agora não é somente a sua prosperidade, vidas confortáveis e empregos que estão em jogo, mas a sua própria segurança e a ordem pacífica das suas vidas que está ameaçada. Por fim, os povos da Europa, que estavam adormecidos na abundância e prosperidade, estão a entender que os princípios de vida em que a Europa foi construída correm perigo mortal. A Europa é a comunidade de nações cristãs livres e independentes, com igualdade entre homens e mulheres, concorrência justa e solidariedade, orgulho e humildade, justiça e misericórdia. Desta vez, o perigo não nos está a atacar da maneira como as guerras e as catástrofes naturais o fazem, puxando o tapete repentinamente debaixo dos nossos pés. A migração em massa é uma corrente lenta de água que vai causando uma incessante erosão das margens, mascara-se de causa humanitária, mas a sua verdadeira natureza é a ocupação do território. E ganhar território para eles significa perder território para nós. Enxames de defensores dos direitos humanos, obcecados, sentem o impulso irresistível de nos repreender e de fazer acusações contra nós. Alegadamente, somos xenófobos hostis, mas a verdade é que a história da nossa nação é também de inclusão, uma história de intercâmbio de culturas. Àqueles que têm procurado vir para cá como novos membros da família, como aliados, ou como pessoas sem lugar que temem pelas suas vidas, tem sido permitida a sua entrada para que façam deste o seu lar, mas aqueles que querem vir para cá com a intenção de mudar o nosso país, moldando a nossa nação à sua própria imagem, aqueles que vêm com violência e contra a nossa vontade, sempre foram recebidos com resistência. Senhoras e senhores! Inicialmente, eles falam sobre apenas algumas centenas, mil ou duas mil pessoas realocadas, mas nem um único líder europeu responsável se atreveria a afiançar sob juramento que estes dois mil não vão, eventualmente, multiplicar-se em dezenas ou centenas de milhares. Se queremos frear esta migração em massa, primeiro devemos travar Bruxelas. O perigo maior para o futuro da Europa não vem de quem quer vir

para cá, mas sim do internacionalismo fanático de Bruxelas. Não devemos permitir que Bruxelas se coloque acima da lei. Não vamos permitir que eles nos forcem a comer o fruto amargo da sua política imigratória cosmopolita. Nós não devemos importar para a Hungria crime, terrorismo, homofobia ou incêndios de sinagogas e antissemitismo. Não haverá distritos urbanos fora do alcance da lei. Não haverá desordem em massa. Não teremos motins de imigrantes aqui, nem gangues caçando as nossas mulheres e filhas. Não vamos permitir que outros nos digam quem podemos deixar entrar em nossa casa e no nosso país, quem viverá ao nosso lado, com quem vamos dividir o nosso país. Sabemos como estas coisas são. Primeiro deixamos que nos digam quem devemos receber, depois eles obrigam-nos-ão a servir estrangeiros no nosso próprio país. Por fim, dir-nos-ão para arrumar as malas e deixar a nossa própria terra. Por isso, rejeitamos o esquema de reassentamento forçado, e não vamos tolerar nem chantagens, nem ameaças. É chegada a hora de tocar o alarme de alerta. É chegada a hora da oposição e da resistência. É chegada o tempo de juntar aliados a nós. É chegada a hora de levantar as bandeiras de orgulhosas nações. É chegada a hora de evitar a destruição da Europa e de salvar o futuro da Europa. Para este fim, independentemente da filiação partidária, invocamos à união de todo o cidadão húngaro e apelamos a todas as nações europeias para se unirem. Os líderes e cidadãos da Europa não devem continuar a viver em dois mundos separados. Temos de restaurar a unidade da Europa. Nós, os povos da Europa, não podemos ser livres individualmente se não formos livres em conjunto. Se unirmos as nossas forças, seremos bem-sucedidos. Se seguir cada um isoladamente, falharemos. Juntos somos força, desunidos somos fraqueza. Ou juntos ou de forma nenhuma. Hoje em dia essa é a lei. Húngaros! Em 1848 foi escrito no livro do destino que nada poderia ser feito contra o Império Habsburgo. Se nos tivéssemos resignado a esse vaticínio, o nosso destino teria ficado selado e a onda alemã teria engolido os húngaros. Em 1956 foi escrito no livro do destino que nós continuaríamos a ser um país ocupado e soviético, até que o patriotismo fosse extinto em cada um dos húngaros. Se nos tivéssemos resignado a esse cenário, o nosso destino teria sido selado e a onda soviética teria engolido os húngaros. Hoje está escrito no livro do destino que potências mundiais ocultas e sem rosto

eliminarão tudo aquilo que é único, autónomo, milenar e nacional. Eles virão misturar culturas, religiões e populações, até que a nossa multifacetada e orgulhosa Europa possa ser, finalmente, tomada docilmente e sem derramamento de sangue. Se nos resignarmos com este prognóstico, o nosso destino será selado e seremos devorados pela enorme bocarra dos Estados Unidos da Europa. A tarefa que cabe ao povo húngaro, às nações da Europa Central e às outras nações europeias que ainda não perderam todo o seu senso comum é derrotar, reescrever e transformar o destino planeado para nós. Nós, húngaros e poloneses, sabemos como fazer isso. Fomos ensinados que só se pode encarar o perigo de frente sendo corajosos o suficiente. Devemos, portanto, trazer à tona a velha virtude da coragem debaixo dos escombros do esquecimento. Antes de tudo, devemos cobrir de aço as nossas espinhas dorsais e devemos responder de forma clara, com a voz alta o suficiente para sermos ouvidos por toda a parte. A questão fundamental que irá determinar o nosso destino, a questão na qual reside o futuro da Europa é esta: Seremos escravos ou homens livres? Essa é a questão. Respondam-me! Força Hungria! Vamos a isso húngaros!

